



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai

ANO 2023

Junho

Nº 430

O BOM SOLDADO

Ten Cel Av Ref Flávio C. Kauffmann

Bom Soldado,

“A obediência, manifestação explícita da disciplina e base fundamental das Forças Armadas, não pode ser cega, irrefletida e irrisistente. Ela precisa acordar-se com o acatamento dos valores basilares que a legitimam. Caso contrário, corre o risco de desvirtuar-se, transformando-se em subserviência, ou seja, em simples submissão de uma pessoa à vontade de outra”. Coronel R1 Marcelo Oliveira Lopes Serrano.

O soldado que assassina o rei é um traidor, não é? Nem sempre... Se o rei está louco e pretende queimar a cidade inteira, traição maior, à Pátria, seria não o fazer. Respondendo à pergunta metafórica de um jovem amigo, essa foi a conclusão que cheguei sobre o personagem Jaime Lannister, da série Game of Thrones, uma série de enorme sucesso em “streaming” TV, recentemente.

No Brasil moderno, “o Regicida”, teria problemas em descumprir a ordem real de “queimar todos”, pois se a desobediência hierárquica, quando a ordem é manifestamente ilegal, é, à luz do direito civil, fator excludente de culpabilidade, e isso não se aplica no caso militar. Nesse caso, de acordo com o Código Penal Militar, a obediência

deve ser absoluta, nunca relativa. Manda quem pode e obedece quem tem juízo! Que forças poderiam então contrabalançar tamanho poder de um comandante, no caso de uma ordem inconstitucional?

O aviador escritor Saint Exupéry começa a responder à questão quando sentencia que: “a autoridade repousa na razão”.

Quer ser obedecido? Dê ordens razoáveis. Mas o que seria a razoabilidade numa ordem? Qual a razoabilidade em comandar cargas de infantaria, morro acima, contra um inimigo entrincheirado e mais bem armado, como fizeram os comandantes italianos na frente alpina em 1916, provocando a morte de mais de 500.000 soldados? Ou na decisão de Leônidas, de “combater até a morte” nas Termópilas, contando com 300 bravos, contra um inimigo que “escurecia o céu com a quantidade de suas flechas”? A resposta é que as ordens acima, cuja racionalidade poderia ser facilmente questionada, cumpriam razões da Pátria, e que, como tal, se sobrepõem às de ordem pessoal.

No entanto, se não há limite para a extensão de uma ordem, que pode então requerer, até mesmo, o sacrifício da própria vida, há, por outro lado, claros limites no que se refere à sua razoabilidade. Na maior parte das vezes, não há o que raciocinar, já que comandante e comandado, por formação, deverão estar, sempre, ambos, alinhados com os interesses da Constituição e da Pátria. Mas o que fazer em caso de dúvida? E como identificar se as razões do comando se coadunam com as da Pátria, e não apenas com as que atendem, exclusivamente, ao projeto político de algum grupo que, temporariamente, detém o poder? Essa dúvida assaltava a mente dos oficiais do 2º/10º GAv, o SAR, na Base Aérea de Cumbica, quando, ao estourar a Revolução de 31 de março de 1964, o comandante do esquadrão se declarou a favor do governo comunista de Jango Goulart. Na mesma tarde, frente ao mesmo dilema, estavam os oficiais da Base Aérea de Santa Cruz, pois o comandante da Base já vinha se declarando, havia um bom tempo, favorável ao projeto comunista de Jango e Francisco Julião.

Cumprir a ordem do governador Leonel Brizola, de que os sargentos matassem seus oficiais, como eu mesmo, ainda garoto, ouvi no rádio de pilha? Ou romper com a “legalidade” e prender os comandantes comunistas, fazendo valer a vontade da maioria da Sociedade?

Bem, nesses casos, que se configuram num dilema enunciado por Samuel Huntington, deve-se buscar apoio na ética e nos valores morais, que representam a expressão dos valores castrenses intangíveis. Aquele mesmo conjunto de valores, que são desenvolvidos no início da carreira, que tornam o militar um ser de consciência moral e que devem acompanhá-lo durante todo o decorrer de sua vida.

Explico. Sendo a hierarquia e a disciplina os dois pilares básicos em que se apoiam as FFAA, uma decorrência lógica é o fato de que, entre dois militares, seja sempre possível afirmar a existência de uma distinção hierárquica entre eles. Um deles é superior ao outro. A disciplina é que produz, em ambos, o acatamento dessa condição. Um comanda e o outro é comandado. E mesmo o que é comandado, também exerce o comando, em seu nível, sobre outros comandados. Fazendo uma extrapolação, o comandante dos comandantes máximos é o Governo, um órgão transitório de administração eleito pela maioria, que deve estar a serviço do Estado, agente político que representa a Sociedade territorialmente estabelecida e politicamente organizada.

O problema passa a ocorrer quando os interesses desse Governo, estiverem em desalinho com os interesses do Estado ou da Sociedade (Pátria). E, nessa condição, a herança cultural, a ética e os valores morais, filtrados pelo pensamento crítico, podem ser os únicos parâmetros válidos para medir a razoabilidade de uma ordem. Parece sopa de letras, não é? Pois aí vão dois “cases”, como gostam os mais acadêmicos, sobre o papel das Forças Armadas.

Mas, por favor, não esperem respostas prontas, pois os casos são contemporâneos e, como tal, dinâmicos. A Venezuela, quando lá estive como cadete, em 1975, competindo num Festival Olímpico, estava incluída entre os países mais ricos e culturalmente mais avançados da América Latina.

A partir da ascensão de Hugo Chaves e a implantação de uma ditadura socialista, posteriormente respaldada pelas urnas (num processo sob intensa suspeição), a elite intelectual e econômica nacional se transferiu, quase toda, para a América do Norte. A partir daí a compra da maioria de eleitores, nas camadas mais simples da população, passou a ser feita, progressivamente, através de programas sociais de distribuição de renda.

O absentéismo inicial da cúpula das Forças Armadas, frente ao dilema moral que se apresentava, foi imediatamente sobrepujado por um processo de renovação dos rankings, nunca antes ocorrido. Como resultado, em pouco tempo, jovens oficiais, cooptados pelos socialistas, já ocupavam os principais postos de comando.

O credo comunista, inspirado por Cuba, professado por um judiciário ativista, permitiu um sem-número de mudanças na constituição, que deram ao bolivarianismo um enorme poder sobre o Estado. Como em toda experiência comunista, hoje a Venezuela, que conta com imensas reservas de petróleo, vive o desabastecimento e a miséria econômica. Seus meios de comunicação estão amordaçados e mesmo o jornalismo internacional livre, sofre constante perseguição do governo. A cultura nacional foi toda comprada a favor do socialismo.

Iniciando com um programa de importação de médicos cubanos, o país conta hoje com mais de 60.000 “consultores” cubanos remunerados, comandando diversas instituições. Entre elas as forças armadas. Além de uma bem-equipada Guarda Nacional, os cubanos montaram grupos civis armados, os chamados “colectivos”, que só atendem ao comando dos próprios chefes cubanos. Esses grupos, conforme fartamente documentado em vídeos na internet, têm atirado nos manifestantes com munição real, pasmem, juntamente com as tropas do exército venezuelano. Não há mais qualquer dilema entre os soldados venezuelanos. Eles foram vencidos e hoje, apenas, servem a seus tiranos...

Por aqui, nos governos de esquerda: foram assaltados os cofres públicos; o congresso vem sendo comprado com emendas parlamentares; as instituições sofrem aparelhamento; foi criada uma Guarda Nacional; a política externa foi desvirtuada; os eleitores pobres foram comprados com Bolsa Família; foi instituída a racialização da sociedade e a identidade de gênero; eliminada a meritocracia; oficializada a corrupção; liberada a baderna e a invasão de propriedades; feitos investimentos desastrosos em Cuba, Angola e Bolívia; e trazidos os indefectíveis médicos cubanos, em regime de servidão.

A mídia tradicional, com poucas exceções, foi silenciada com o uso de verbas públicas, ao ponto de, até mesmo, vir a apoiar uma “censura do bem”. E, assim, a liberdade de expressão na internet se vê atualmente ameaçada por uma lei de censura prévia. “Quantos dedos têm aqui?”, lembram-se do Grande Irmão (1984 - Orwell) e de sua verdade incontestável? Após um pequeno hiato de quatro anos de um governo liberal, castigado diuturnamente pela mídia, sem, no entanto, sequer cogitar qualquer tipo de censura, há, hoje, assuntos proibidos, o direito de propriedade foi relativizado e há brasileiros presos, sem o devido processo legal. Juízes do Supremo Tribunal Federal ultrapassam, em muito, suas atribuições constitucionais e mandam no país, silenciando antagonistas e utilizando a Polícia Federal como instrumento político sob à vista grossa das lideranças do Congresso Nacional e da corte de justiça mais antiga do país, o Superior Tribunal Militar, que possui competência para “declarar a inconstitucionalidade de lei ou ato normativo do Poder Público”.

As Forças Armadas, como Pôncio Pilatos, se abstiveram publicamente, mesmo após terem atestado por escrito a falta de confiabilidade do processo eleitoral. E hoje prestam continência a um Comandante Supremo, que as despreza e que não reúne os valores morais exigidos para o cargo. Com a volta de Lula, inúmeros fatos do dia a dia, mostram a progressiva comunização do regime, muito embora, se analisarmos a cultura nacional e a ideologia da maioria da população, veremos que os valores da Sociedade continuam sendo religiosos, liberais e democráticos.

Essa rota, certamente, nos colocará, em pouco tempo, frente a um renovado dilema, como cidadãos e militares, já que, conforme dizia o General Osorio, herói de Tuiuti, “a farda não abafa o cidadão no peito do soldado”. Estamos preparados intelectualmente para enfrentar esse dilema moral? A lealdade das Forças Armadas ao Presidente, que

é o Comandante em Chefe, é mais ou menos importante do que a lealdade à Constituição? Você, militar, concorda em deixar esse legado político, que vem sendo gestado? Acha que isso é problema de terceiros e não seu? Está conformado em ter seus filhos e netos vivendo futuramente sob um regime sem liberdade de expressão, de credo e de imprensa? Seus parentes e amigos são favoráveis ao comunismo? Seu comandante imediato concorda com esse estado de coisas?

O bom soldado não é, de modo algum, o que empunha a baioneta cega. É o que pensa, pondera e age, de acordo com os valores morais da Sociedade que jurou defender! Ah, aqueles oficiais de 1964, de Cumbica e Santa Cruz, por convicção do mais puro dever, terminaram por arrostar os comandantes, que violaram os princípios basilares de onde deriva a autoridade, pois como dizia aquele velho e honrado general: "Na carreira das armas não se prestam honras e obediência ao homem, mas aos galões que ele porta".

Nota do editor: embora as afirmações sejam de inteira responsabilidade do autor, esta editoria, ainda que concordando com 90% delas, não pode deixar de afirmar o seguinte:

- 1) não foi criada Guarda Nacional nenhuma, pelo menos não ainda;
- 2) não foram "feitos investimentos desastrosos em Cuba, Angola e Bolívia", pelo menos não ainda;
- 3) não foram "trazidos os indefectíveis médicos cubanos, em regime de servidão", pelo menos não ainda;
- 4) as FFAA não "se abstiveram publicamente". Pelo contrário, elas cumpriram a Constituição. Não tivessem assim agido, aí sim teriam perpetrado a maior das traições, o não cumprimento da Carta Magna;
- 5) as FFAA não "atestado(ram) por escrito a falta de confiabilidade do processo eleitoral". Pelo contrário, o Ministro da Defesa – Gen Paulo Sérgio, declarou na época, literalmente, que "NÃO HÁ INDÍCIO DE FRAUDE...";
- 6) embora não esteja no texto, é bom que se saiba, de uma vez por todas, que o Código-fonte foi entregue, um ano antes, a todas as instituições que, convidadas, atenderam e fizeram parte da fiscalização das eleições, as FFAA inclusive; esse código-fonte não mudou em todo o processo eleitoral;
- 7) embora não esteja no texto, é bom que se saiba, de uma vez por todas, que o Artigo 142 da Constituição não ampara nenhuma intervenção das FFAA no processo político, nem sob a forma de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). O próprio Dr. Ives Gandra da Silva Martins, um dos redatores do artigo, corrigiu as suas afirmações anteriores e reconheceu isso;
- 8) finalmente, e somente aproveitando o alvitre, em nenhuma das fases do processo (reabilitação do atual governante, campanha eleitoral, primeiro turno, intervalo, segundo turno, apuração do pleito, diplomação do candidato eleito, intervalo até a posse, posse e período posterior à posse) teria sido cabível a intervenção das FFAA, pela simples razão que seria caracterizado um golpe para manter no poder o candidato vencido, ou para reconduzi-lo ao cargo, coisa que as FFAA **nunca**, em toda a sua história, perpetraram, nem na proclamação da república nem em 1964; e
- 9) lembrar que este informativo trata, primordialmente, de assuntos de História Militar.

@@

A AACV

A Associação dos Amigos do Casarão da Várzea (AACV/APM-CMPA) tem a grata satisfação de cumprimentar a Sociedade Esportiva e Literária (SEL), órgão estudantil do CMPA e parceira de incontáveis iniciativas, pelos 111 anos de profícua existência.

No dia 11 de junho de 1912, a entidade foi fundada com o nome de Sociedade Cívica e Literária. O início de suas atividades se deu, porém, somente no dia 07 de setembro daquele ano.

Esse nome permaneceu até o ano de 1940, quando foi alterado para Sociedade Esportiva e Literária (SEL). Os motivos para tanto foram publicados na Revista Hyloea daquele ano:

"Em virtude de um acréscimo em suas finalidades e tendo em vista que o nome de uma sociedade deve expressar, em síntese, ao que ela se destina, resolveu a Assembléia Geral reunida em 10 de setembro findo, aprovar os novos estatutos nos quais mudou-se o nome de então para o de Sociedade Esportiva e Literária".

Nessa época, o Velho Casarão da Várzea já sediava, há um ano, a Escola Preparatória de Cadetes que, dois anos após, seria renomeada como Escola Preparatória de Porto Alegre.

No ano de 1953, a entidade trocou de nome, transformando-se em Sociedade Pré-Acadêmica Militar (SPAM). Isso foi feito para ajustar sua denominação à de sua congênere na Academia Militar das Agulhas Negras, que se chamava Sociedade Acadêmica Militar (SAM).

Com o retorno do CMPA, em 1962, voltou também a SEL, que permanece até hoje. Nesse ano, a primeira diretoria tomou posse no dia 24 de maio, sob a presidência do aluno Oтелo José da Costa Ortiga.

A partir do início do Séc. XXI, a SEL passou a ter um auto-apelido, escolhido por seus integrantes quando da campanha eleitoral: "SEL dos 100 Anos", "SEL Dinâmica", "SEL Qualidade e Inovação" e vários outros.

Curiosidade histórica

Em 1923, o presidente da Sociedade Cívica e Literária era o aluno Adalberto Pereira dos Santos, que, em 1974, tornar-se-ia Vice-presidente da República. Na edição de setembro de 1923, a redação da Hyloea fez uma apologia à Sociedade Cívica e Literária com as seguintes palavras: (Grafia da época)

"Onze anos já lá se vão que, entre as quatro paredes deste Collegio, surgiu uma plêiade de jovens fortes, francos e decididos, os quaes, no anseio da esperança que os dominava, pondo acima dos interesses pessoais os interesses da Pátria, fundaram, em Junho de 1912 e inauguraram a 7 de Setembro do mesmo anno, a Sociedade Cívica e Literária, para incluir no seio esperançoso da infancia o amor á Pátria e á Liberdade.

Foi seu primeiro presidente o snr. Tte. Fernando Pires Besouchet o qual não poupou o seu esforço em pról do progresso da sociedade que presidia. Fundada que foi, a C. e Literária era vista com maus olhos por esses espíritos que não sabem comprehender os desvanecios da mocidade. Mas a semente, lançada entre os escolhos, demora, custa, mas vinga, brota e floresce.

E hoje que a nossa Sociedade comemora mais uma escalada na encosta da vida é bem de ver o seu sensível progresso e desenvolvimento. Os nossos Mestres, sempre prontos a nos guiarem na estrada espinhosa que seguimos, não nos abandonam nunca e haja vista a fineza e carinho com que sempre nos têm orientado.

Este anno, tendo na presidência o snr. Adalberto P. dos Santos, foi realizado o mais concorrido Concurso Literário.

Trabalhemos, pois, para a C. e Literária. Caminhemos com fé e com esperança, por que a esperança não morre; a esperança é o amanhã, é o futuro; a esperança é o "até logo" agitado", é o manto das chimeras, é o lenço auri-alvi-verde a nos acenar pela janella do futuro.

Si o bafejo das cousas adversas nos vier açoitar, não esmoreçamos nunca. Prosigamos com fé; fé na grandeza futura da nossa Sociedade; fé na grandeza futura da nossa Pátria; fé na grandeza das nossas Esperanças.

Trabalhemos para o nosso Brasil, para a 'gloria da sua grandeza e para a grandeza da sua gloria'.
E como um imposto de tudo o que sente a nossa alma Excutienda damus praecordia".

Revista Hyloea - órgão oficial da Sociedade Cívica e Literária

(Abaixo, a primeira página da edição (nº 2) de setembro de 1923)



"Hyloea"

ANNO II SETEMBRO 1923 Nº 2

DIRECTOR
Anacleto S. de Vargas

RED. SECRETARIO:
Jayme Pacheco

PRIMEIROS: J. DEVAL, JERONIMO ARRAIS
A. IVAN, MARTIN, W. FINALL

ONZE annos já lá se vão que, entre as quatro paredes desle Collegio, surgiu uma pleiade de jóvens fortes, francos e decididos, os quaes, no ancelo da esperança que os dominava, pondo acima dos interesses pessoais os interesses da Patria, fundaram, em Junho de 1912 e inauguraram a 7 de Setembro do mesmo anno, a *Sociedade Civica e Literaria*, para inculir no seio esperançoso da infancia o amor á Patria e á Literatura.

Foi seu primeiro presidente o snr. T^o Fernando Pires Besouchet o qual não poupou nunca o seu esforço em prol do progresso da sociedade que presidia. Fundada que foi, a *C. e Literaria* era vista com maus olhos por esses espiritos que não sabem comprehender os desvanços da mocidade. Mas a semente, lançada entre os escolhos, demora, custa, mas vinga, brota e floresce.

E hoje que a nossa Sociedade comemora mais uma escalada na encosta da vida é bem de ver o seu sensível progresso e desenvolvimento. Os nossos Mestres, sempre promptos a nos guiarem na estrada espinhosa que seguimos, não nos abandonam nunca e



ADALBERTO P. DOS SANTOS
(BEIJO)
PRESIDENTE DA S. C. E LITERARIA

haja vista a fineza e carinho com que sempre nos têm orientado.

Este anno, tendo na Presidencia o snr. Adalberto P. dos Santos, foi realiado o mais concorrido Concurso Literario.

Trabalhem, pois, para a *C. e Literaria*. Caminheemos com fé e com esperança, porque a esperança não morre; a esperança é o amanhã, é o futuro; a esperança é o "até logo" agitado, é o manto das chimeras, é o lenço auri-alvi-verde a nos acenar pela janella do futuro.

Si o hafejo das cousas adversas nos vier açoiçar, não esmoreçamos nunca. Prosigamos com fé; fé na grandeza futura da nossa Sociedade; fé na grandeza da Patria; fé na grandeza das nossas Esperanças.

Trabalhem para o nosso Brasil, para a "gloria da sua grandeza e para a grandeza da sua gloria."

É como um imposto de tudo o que sente a nossa alma

Excutienda damus præcordia.

Redacção.

A revista Hyloea (em algumas edições: Hiléia) foi fundada em 1922, como órgão oficial da Sociedade Cívica e Literária.

Seu primeiro presidente foi o aluno Heraclides Fontela e teve como diretores e colaboradores alunos que, mais tarde, viriam a ser grandes expressões na vida pública nacional, como Mario Quintana, Vasco Prado, Jarbas Passarinho, Henrique Beckmann Filho, Adalberto Pereira dos Santos, Dirceu Araujo Nogueira e muitos outros.

É relevante ressaltar que a primeira publicação das poesias de Mário Quintana e das gravuras de Vasco Prado foi feita nas páginas da revista Hyloea, em 1922 e 1933, respectivamente.

#####

Relatos da Ucrânia: Porque Eles Lutam - Richard Kemp* - Gatestone Institute
Original em inglês: Report from Ukraine: Why They Fight - Tradução: Joseph Skilnik

Original obtido de @vimarchiesa.com.br

Nesta semana, perto de Bakhmut, leste da Ucrânia, tive a oportunidade de passar um tempo com comandantes e soldados que lutam contra a invasão russa na cidade já em ruínas, às vezes por meses a fio.

Esta tem sido uma das batalhas mais longas, qualquer que seja o parâmetro, desde 1945 e de longe a mais sangrenta da guerra; russos e ucranianos muitas vezes em combate corpo a corpo, artilharia devastando a cidade, cenas que lembram Stalingrado e um nível de carnificina jamais visto em nenhuma outra cidade nesta execrável guerra comandada por Putin.

Ao conversar com esses homens exaustos pela batalha, era palpável e às vezes emocionante, ver a gratidão pelo fornecimento de armas, munições e equipamentos do Ocidente. Eles nos agradeceram por mantê-los vivos e lutando. Perguntei o que eles mais precisavam no momento de nossos países. Obviamente mais armas, mais munição, mais tanques, mais foguetes e aviões de combate sempre apareciam na conversa. Outra resposta tanto consistente quanto marcante, ainda que nada surpreendente: não queira forçar nosso país a fazer a paz com os invasores.

Isso vindo de homens que viram seus irmãos de armas serem mortos a tiros, explosões de bombas e dilacerantes estilhaços de projéteis, de homens que lutaram para impedir o agravamento da condição de seus camaradas mutilados, que suportaram a percussão entorpecente de intermináveis bombardeios de artilharia e que arriscaram suas próprias vidas a cada hora na devastada cidade. A certa altura, a fatídica realidade da vida em Bakhmut foi transportada de volta para casa por frotas de ambulâncias que passavam por nós, deixando para trás o campo de batalha.

Com a afervorada rejeição às negociações de paz, esses combatentes refutavam as palavras do general norte-americano Douglas MacArthur em seu famoso discurso Dever, Honra, País em West Point:

"o soldado acima de todos os demais reza pela paz, pois é o soldado que sofre e paga com as mais profundas feridas e cicatrizes da guerra".



Eu (Cel Richard Kemp, ao lado) não fiz essa pergunta a eles porque entendi imediatamente o que estava por trás da sua determinação sombria de continuar lutando, apesar dos horrores que os cercavam.

Anteriormente, visitei a adjacente Iziium, onde a ocupação russa está presente não só pelas escolas, hospitais, casas e prédios de apartamentos destruídos por balas e escombros, como também por covas rasas no meio da floresta, agora vazias e cada uma marcada por um símbolo de cruz de madeira talhada feito às pressas.

Depois que os russos foram expulsos pela contraofensiva do exército ucraniano em setembro passado, 447 corpos foram exumados aqui, a maioria de civis, homens, mulheres e crianças. Quase todos evidenciavam sinais de morte violenta, muitos foram executados, alguns foram mutilados e outros com as mãos atadas.

A floresta circunvizinha se encontra danificada por ranhuras devido à passagem de tanques, havia enormes crateras no solo onde os veículos blindados russos ficaram escondidos para proteção da artilharia e fogo antitanque e para ajudar na ocultação tanto por terra quanto por ar. Uma dessas ranhuras continha 17 cadáveres de soldados ucranianos. Antes de jogar terra sobre eles, os russos, para completar, colocaram uma mina antitanque em cima dos corpos, cuja intenção era a de matar e mutilar os encarregados de desenterrá-los.

Alguns dos civis mortos foram trazidos para essas florestas da cidade de Iziium e de Balakliia, que ficam a poucos quilômetros dali. Em ambas as cidades, tive a oportunidade de passar por delegacias de polícia com celas em condições sub-humanas e porões sem luz onde os russos haviam amontoado seus cativos, homens, mulheres e crianças, onde os aterrorizavam, torturavam, abusavam sexualmente e os assassinavam.

Poucos dias depois, vi locais com as mesmas condições sinistras em Bucha, perto de Kiev. Lugares como este podem ser encontrados em inúmeras cidades e vilarejos ocupados pelos russos. Eles lembram hediondamente os centros de tortura e extermínio nazistas que visitei na Polônia, na França e na Ilha do Canal de Alderney. A exemplo daqueles, estes locais deveriam ser preservados, tanto como

alerta do que homens maquiavélicos são capazes de fazer quanto como memorial às pobres almas que sofreram de forma tão abominável sob a bota militar russa.

Das regiões do país que o exército de Putin ocupou desde a invasão em fevereiro passado, eles também sequestraram crianças ucranianas, incluindo bebês, em escala industrial. Até agora, o governo de Kiev documentou o sequestro de 19.393 crianças, (mas) provavelmente há muitas mais que ainda não foram identificadas.

Algumas ainda estão detidas em regiões da Ucrânia ocupadas pelo exército russo, outras foram transportadas para o território russo. Assim como tortura e assassinato de civis em Izium e em outros lugares, a execução sumária de prisioneiros de guerra, são crimes de guerra. É por causa desses sequestros que o Tribunal Penal Internacional emitiu em março mandados de prisão contra Vladimir Putin e a assim chamada Comissária dos Direitos da Criança, Maria Lvova-Belova.

As forças de Putin e os burocratas civis sequestraram crianças de orfanatos, as arrancaram à força de seus pais ou as levaram a "abrigos" depois de assassinar suas famílias. Algumas foram levadas para serem criadas ou adotadas à força em cidades como Moscou, São Petersburgo e Rostov. Nomes e datas de nascimento eram por vezes alterados para que não poderiam ser localizadas.

As crianças que defendem a sua terra natal, cantam o hino nacional ou falam mal de Putin são "reeducadas" pelas autoridades russas, um processo que inclui longos períodos de detenção e confinamento solitário, bem como intimidação e violentos espancamentos. Algumas crianças foram alistadas em um "exército jovem" russo, onde são treinadas e preparadas para um dia lutar contra seu próprio povo.

Em Kiev, conheci as mães, com olhos vermelhos de tanto chorar (por) algumas dessas crianças, cada uma delas passando por um inferno na terra que nunca irá terminar até que seus filhos e filhas voltem para casa.

O governo ucraniano e a ONG Save Ukraine, bem como pais, isoladamente, que têm condições, estão fazendo de tudo para resgatar os filhos, mas até agora somente um número infinitesimal foi trazido de volta para casa. Embora não haja como reverter a tortura e o assassinato, o sequestro de crianças pela Rússia pode, e não dá para entender porque até agora não há massiva indignação internacional.

O sequestro de crianças ucranianas ecoa grotescamente o Terceiro Reich, que retirou à força pelo menos 20 mil crianças polonesas de suas famílias e as transportou para a Alemanha. O mesmo número de crianças, pelo que temos notícia, foram sequestradas por Putin até o momento. Muitas delas enfrentaram um destino quase idêntico ao das crianças ucranianas sequestradas hoje.

Voltando aos defensores de Bakhmut, o simples fato de saber dessas ações destrutivas é o motivo da sua luta e porque eles e os combatentes em outros campos de batalha da Ucrânia continuam determinados a continuar atacando, mantendo os invasores longe das portas de suas famílias até que eles os expulsem de suas fronteiras, custe o que custar.

****O Coronel Richard Kemp é um ex-comandante do exército britânico. Ele também foi chefe da equipe que trata de terrorismo internacional do Gabinete do Reino Unido e agora é escritor e palestrante sobre assuntos internacionais e militares.***

%%%

AS INSTITUIÇÕES E O POVO BRASILEIRO

Publicado no Correio do Povo de Porto Alegre em 12 de novembro de 2022

A cerca das manifestações populares que vêm ocorrendo em inúmeros locais do País, a Marinha do Brasil, o Exército Brasileiro e a Força Aérea Brasileira reafirmam seu compromisso irrestrito e inabalável com o Povo Brasileiro, com a democracia e com a harmonia política e social do Brasil, ratificado pelos valores e pelas tradições das Forças Armadas, sempre presentes e moderadoras nos mais importantes momentos de nossa história.

A Constituição Federal estabelece os deveres e os direitos a serem observados por todos os brasileiros e que devem ser assegurados pelas Instituições, especialmente no que tange à livre manifestação do pensamento; à liberdade de reunião, pacificamente; e à liberdade de locomoção no território nacional.

Nesse aspecto, ao regulamentar disposições do texto constitucional, por meio da Lei no 14.197, de 10 de setembro de 2021, o Parlamento Brasileiro foi bastante claro ao estabelecer que:

"Não constitui crime a manifestação crítica aos poderes constitucionais nem a atividade jornalística ou a reivindicação de direitos e garantias constitucionais, por meio de passeatas, de reuniões, de greves, de aglomerações ou de qualquer outra forma de manifestação política com propósitos sociais".

Assim, são condenáveis tanto eventuais restrições a direitos por parte de agentes públicos, quanto eventuais excessos cometidos em manifestações que possam restringir os direitos individuais e coletivos ou colocar em risco a segurança pública, bem como quaisquer ações, de indivíduos ou de entidades, públicas ou privadas, que alimentem a desarmonia na sociedade.

A solução a possíveis controvérsias no seio da sociedade deve se valer dos instrumentos legais do Estado democrático de Direito. Como forma essencial para o restabelecimento e a manutenção da paz social, cabe às autoridades da República, instituídas pelo Povo, o exercício do poder que "Dele" emana, a imediata atenção a todas as demandas legais e legítimas da população, bem como a estrita observância das atribuições e dos limites de suas competências, nos termos da Constituição Federal e da legislação.

Da mesma forma, reiteramos a crença na importância da independência dos Poderes, em particular do Legislativo, Casa do Povo, destinatário natural dos anseios e pleitos da População, em nome da qual legisla e atua, sempre na busca de corrigir possíveis arbitrariedades ou descaminhos autocráticos que possam colocar em risco o bem maior de nossa sociedade, qual seja, a sua Liberdade

A construção da verdadeira Democracia pressupõe o culto à tolerância, à ordem e à paz social. As Forças Armadas permanecem vigilantes, atentas e focadas em seu papel constitucional na garantia de nossa Soberania, da Ordem e do progresso, sempre em defesa de nosso Povo.

Assim, temos primado pela Legalidade, Legitimidade e Estabilidade, transmitindo a nossos subordinados serenidade, confiança na cadeia de comando, coesão e patriotismo.

O foco continuará a ser mantido no incansável cumprimento das nobres missões de Soldados Brasileiros, tendo como pilares de nossas convicções a Fé no Brasil e em seu pacífico e admirável Povo.

Luiz Ernani Caminha Giorgis

Cel Inf EM Veterano - Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Sites sobre História Militar:

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com